
Quem decide sobre o uso da *burka*?

Carta de una mujer indignada – Desde el Magreb a Europa.

TAMZALI, Wassyla.

Madrid: Ediciones Cátedra, 2011. 158 p.
(Colección Feminismos).

As mulheres muçulmanas têm sido centrais nos debates acerca da relação entre distintas culturas. As tensões entre Ocidente e Oriente, seja através das intervenções militares no Oriente, seja da presença de migrantes ocidentais na Europa, frequentemente são analisadas tomando o lugar das mulheres como eixo de problematização dessas sociedades. O debate sobre a aceitação ou não do uso do *niqab*, o véu islâmico, na França, por exemplo, e da *burka* na Espanha, ou sobre as distintas posições sobre práticas como a extirpação do clitóris em alguns países muçulmanos é exemplo marcado por grandes controvérsias e discussões calorosas entre governistas, militantes e cidadãos comuns na Europa.

Contudo, é comum identificar a ausência das muçulmanas no debate – não porque não tenham ou não queiram dizer e se posicionar sobre as problemáticas em questão, mas pela conhecida prática eurocêntrica, patriarcal e colonial de considerar mulheres não ocidentais como objetos de discursos e práticas e não como sujeitos. O problema da convivência entre populações com histórias e costumes tão diferentes e muitas vezes antagônicos tem tomado intelectuais de toda a Europa, mas a emergência desses discursos, constantemente, tem se construído em cima do silêncio (ou

silenciamento) das próprias mulheres latinas, das do leste europeu e também das muçulmanas. Um discurso sobre as mulheres e não das mulheres. A essas sociedades, que historicamente foram incapazes de realmente universalizar as perspectivas igualitárias das quais sentem orgulho de terem sido berço, é que Wassyla Tamzali dirige sua voz.

“Feminista laica, muçulmana e livre pensadora” é uma das formas como a autora de *Carta de una mujer indignada* se apresenta. Nascida no Magrebe, mais especificamente na Argélia, trabalhou como advogada em seu país e posteriormente como diretora de Direitos Humanos da UNESCO em Paris. Em uma linguagem coloquial, comum em textos de pensadoras feministas, lança mão de aspectos de sua inserção e luta política nas lutas pela independência na Argélia. Faz isso para manifestar sua indignação à tolerância e relativismo presentes entre intelectuais de esquerda argelinos e europeus/eias quando se trata do sexismo e patriarcado que incide sobre as mulheres de outras latitudes, como as muçulmanas. Denuncia e indigna-se com a constatação de que a militância marxista, procedente dos nacionalismos do Magrebe, e as lutas pela laicidade e pela democratização na Argélia levaram muito mais a um rearranjo do sistema patriarcal do que maior igualdade em direitos, economia e política para as mulheres.

A liberdade é, para a autora, a grande justificativa para lutar contra cultura, tradições e costumes políticos em qualquer sociedade. Dessa forma, é bastante incisiva ao se posicionar contra o uso da *burka*, por exemplo. Afirma que a *burka* não é muçulmana, não integra uma tradição religiosa, mas é um símbolo de dominação, de terrorismo intelectual, religioso e moral contra a liberdade das mulheres e, portanto, viola os

direitos humanos e não pode ser tolerada. Dirige sua indignação a alguns feminismos ocidentais que têm sido incapazes, segundo a autora, de se unirem às vozes das feministas islâmicas, sempre em nome da *cultura* ou contra a *islamofobia*. Enfatiza que o relativismo com o qual essa questão é abordada contribui para a essencialização da mulher muçulmana e alerta para o perigo do retorno ao orientalismo, ou seja, a visão colonial das mulheres genericamente heterodesignadas como “árabes”.

Denuncia também como a *burka* tem sido utilizada como arma midiática e política e tem ganhado os usos mais diversos e distorcidos. Para a autora, o fato de algumas jovens muçulmanas *usarem voluntariamente* o véu deve ser problematizado e coloca mais uma vez em questão o debate sobre qual é a autonomia possível para as mulheres em sociedades marcadas por lógicas e dinâmicas patriarcais. Reconhece ainda as justificativas políticas das quais lançam mão as jovens muçulmanas para uso do véu como indignação em relação a sua não integração em sociedades como a francesa, por exemplo. Apresenta um esclarecedor histórico do véu nos países do Magrebe, analisa os sentidos contemporâneos do seu uso e relaciona seu uso com a moral sexual e com o tabu do corpo e da sexualidade das muçulmanas. Mas, sobretudo, explicita os aspectos complexos envolvidos nessa problemática, que não podem ser rasamente resumidos entre posições *contra* e a *favor*, e critica a posição superficial e perigosa que alguns intelectuais europeus adotaram para abordar o uso do véu como uma questão de *escolha*.

Sobre a questão da identidade, toca no ponto nevrálgico dessa problemática. Por um lado, indica os elementos revolucionários envolvidos em enfrentar a pergunta *o que é uma mulher?* a partir da perspectiva das mulheres muçulmanas. Segundo Wassyla Tamzali, tal questão remeteria as mulheres dos países de tradição islâmica ao seu destino universal como mulheres levando ao descobrimento doloroso e necessário do seu *rostro oculto*, além de causar tensões junto às sociedades islâmicas, já que colocariam em xeque elementos centrais dessas comunidades – pontos fundamentais para organizar o feminismo nesses contextos. Contudo, como indicado anteriormente, reforçar uma identidade leva aos riscos da afirmação de heterodesignações essencialistas e patriarcais que insistem em preservar o exotismo das mulheres *gárabes*h, perpetuando os elementos patriarcais dessas culturas, retirando,

dessa maneira, sua autonomia para falar, pensar e agir.

A indignação expressa por Wassyla Tamzali, já no princípio da segunda década do século XXI, se associa ao feminismo chamado da terceira onda e mostra a atualidade desse feminismo, que nos anos 1980, através das vozes de mulheres negras, lésbicas e do Terceiro Mundo, denunciou o lugar subalternizado em que se encontravam mulheres não brancas, não heterossexuais e não ocidentais nas lutas por igualdade e liberdade dentro e fora do feminismo. Contudo, é importante ressaltar que alguns elementos contextuais são distintos: a tensão mundial instaurada ou reatualizada pelos acontecimentos do 11 de Setembro reconfigurou a relação entre *amigos* e *inimigos* no contexto internacional, e construções sobre o terrorismo e o terrorista passaram a ser centrais na justificativa de uma série de políticas internacionais e também de cunho militarista.

A relação tensa com o/a migrante extracomunitário(a), com especial atenção aos muçulmanos, na Europa se intensificou; tal figura ganhou destaque no imaginário europeu contemporâneo, e qualificações acerca do/a *outro/a* foram atualizadas. Muçulmanos, islâmicos, árabes têm sido classificados no imaginário social a partir de ideias como atraso moral, insinuações de incivilidade, grosseria, crueldade, brutalidade, irracionalidade e, finalmente, perigo, o que reforça as construções ideológicas, legais, econômicas e políticas do racismo na Europa, promovendo imagens negativas relacionadas ao perigo sobre os *outros*. Wassyla Tamzali relata diálogos com profissionais do Direito na França com quem criticou decisões de juízes a favor de homens muçulmanos que violentaram suas mulheres ao utilizarem como argumento o aspecto cultural e religioso, com objetivo de destacar a tolerância naturalizada com a violência do *outro*. As mulheres têm uma relevância particular nesses processos. Mesmo que a elas não se atribuam conotações tão diretas de perigo e barbarismo, são tomadas como *vítimas* da agressividade *natural* dos seus companheiros e frequentemente significadas e utilizadas como recurso étnico, ocupando papéis simbólicos importantes nas narrativas nacionalistas e de racialização. As mulheres, em geral, são símbolos da nação, enquanto os homens são seus agentes.

Dessa forma, a indignação de Wassyla Tamzali é um grande alerta acerca das armadilhas que as lógicas patriarcais têm nos imposto nas sociedades contemporâneas. Certo

é que em sua *carta* aborda questões controversas, nos convida a um olhar crítico e também a tomar uma posição, como o feminismo sempre fez. Sua posição de estrangeira, na Europa e na sua própria cultura, possibilita uma análise que deve ser conhecida

e divulgada, com intuito de considerar no debate sobre culturas diversas vozes hegemônicas e dissidentes, sobretudo as *outras* vozes.

Claudia Mayorga ■
Universidade Federal de Minas Gerais